



Body and health in the training of health professionals: a mapping of scientific production

Corpo e saúde na formação de profissionais da saúde: um mapeamento da produção científica

Cuerpo y salud en la formación de profesionales de la salud: un mapa de la producción científica

Márcia Cristina Rocha Paranhos¹ , Lívia de Rezende Cardoso¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Márcia Cristina Rocha Paranhos

E-mail: mcparanhosufs@gmail.com

Como citar: Paranhos, M. C. R., & Cardoso, L. R. (2021). Body and health in the training of health professionals: a mapping of scientific production. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 2(1), e12480.

<https://doi.org/10.20952/jrks2112480>

ABSTRACT

This article builds a mapping in order to analyze the theses and dissertations about body, health, curriculum and training of health professionals. For this, theses and dissertations were mapped in the period from 2010 to 2020 through a state-of-the-art study. The composition of the data is given by the presentation and discussion of the listed texts. As for research, these concern the production of bodies based on biotechnological discourses; professional training in health; others point to the curricula of health courses after the National Curriculum Guidelines (DCN); the performance of health professionals in relation to the Unified Health System (SUS); teaching strategies for health training; corporeity in the curricula, especially in the curricula of the Physical Education course; the anatomoclinical body and educational health practices. In this perspective, some contributions, limits and possibilities of this academic production were observed.

Keywords: Body. Curriculum. Health. Health training.

RESUMO

O presente artigo constrói um mapeamento com o objetivo de analisar as teses e dissertações sobre corpo, saúde, currículo e formação de profissionais da saúde. Para isso, foram mapeadas teses e dissertações no período de 2010 a 2020 por meio de um estudo do tipo levantamento. A composição dos dados, se dá pela apresentação e discussão dos textos elencados. Quanto as pesquisas, essas dizem respeito a produção de corpos a partir dos discursos biotecnológicos; formação profissional em saúde; outras apontam os currículos dos cursos da saúde depois das Diretrizes Curriculares Nacionais DCN); a atuação dos/as profissionais da saúde frente ao

Sistema Único de Saúde (SUS); estratégias de ensino para a formação em saúde; corporeidade nos currículos, sobretudo, nos currículos do curso de Educação Física; o corpo anatomoclínico e as práticas educativas em saúde. Nessa perspectiva, foram observadas algumas contribuições, limites e possibilidades dessa produção acadêmica.

Palavras-chave: Corpo. Currículo. Formação em saúde. Saúde.

RESUMEN

Este artículo construye un mapeo con el objetivo de analizar las tesis y disertaciones acerca del cuerpo, la salud, el currículo y la formación de los profesionales de la salud. Para ello, se mapearon tesis y disertaciones en el período de 2010 a 2020 a través de un estudio de vanguardia. La composición de los datos viene dada por la presentación y discusión de los textos enumerados. En cuanto a la investigación, se trata de la producción de cuerpos basados en discursos biotecnológicos; formación profesional en salud; otros apuntan a los planes de estudio de los cursos de salud después de las Directrices Curriculares Nacionales (DCN); el desempeño de los profesionales de la salud en relación al Sistema Único de Salud (SUS); estrategias de enseñanza para la formación en salud; corporeidad en los planes de estudio, especialmente en los planes de estudio del curso de Educación Física; el cuerpo anatomoclínico y las prácticas educativas en salud. En esta perspectiva, se observaron algunos aportes, límites y posibilidades de esta producción académica.

Palabras clave: Cuerpo. Currículo. Formación sanitaria. Salud.

INTRODUÇÃO

Nos currículos dos cursos da saúde, é notório o quanto eles enfatizam a formação de sujeitos protagonistas, empreendedores de si, que priorizam as práticas educativas baseadas no compartilhamento de saberes e experiências para o desenvolvimento da autonomia e da cidadania de todos os indivíduos. Currículos integrados que utilizam problematizações e metodologias ativas de ensino e aprendizagem, orientados por competências, propiciando aos futuros profissionais da saúde uma aproximação daquilo que rege as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) com os currículos da saúde, favorecendo uma qualificação mais voltada para as necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS).

Esse é um modelo de formação autônoma e empreendedora de si, no entanto, entendo o currículo como um processo de construção social e atravessado por relações de saber-poder. Um artefato bifurcado que permita nas entrelinhas a “diferença por natureza” e a multiplicidade dos saberes, integrando e articulando diferentes dimensões. Penso num currículo que extrapole os territórios já consolidados no que diz respeito a ordenamentos, organizações, sequenciações, enquadramentos, divisões, e considerar a “constituição de modos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo” (Paraíso, 2010, p. 588). Pois, as diversas formas de viver e o currículo contribuem de modo acentuado para a formação profissional e individual de cada ser (Louro, 2015).

Considerando ainda as dimensões apresentadas nesse trabalho, trago alguns teóricos para ampliar as designações sobre corpo e saúde. Assim, o termo corpo é aqui entendido como aquele que é moldado a partir das mudanças habituais, sejam elas espontaneamente ou em formas de intervenção médica e/ou tecnológica. De modo que, “os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados” (Louro, 2018, p. 16). Mediante essa compreensão, os estudos sobre corpo passaram a ir além de sua constituição física, de modo que ultrapassam os conceitos meramente biológicos, deixando de ser apenas aquele corpo genético, anatômico e fisiológico com um aglomerado de ossos, tecidos e órgãos, ou ainda de que é visto como uma máquina. E passou a ser entendido como uma construção social, (Courtine, 2009; 2013); cultural (Le Breton, 2006; 2013); discursivo, histórico e político (Foucault, 2005; 2008; 2015).

De igual modo, as discussões sobre saúde, pautadas numa racionalidade biopolítica nos formata a operar de modo a “fazer viver”, o Estado, por exemplo, queria uma massa saudável para desenvolver a economia do país (Challoub, 1996), desse modo, “a saúde passou a ser a verdade e também a utopia do corpo, aposta da ordem social e de uma ordem internacional futura, mais equitativa e mais justa, no conjunto do mundo” (Moulin, 2009, p. 18).

Os sistemas de informação na área da saúde foram importantes para pensar as políticas públicas que atendam a todas as demandas de vida, o SUS, por exemplo, representa uma nova concepção de saúde para os brasileiros, “antes a saúde não era entendida como o ‘Estado de não doença’, o que fazia com que toda lógica girasse em torno da cura de agravos à saúde” (Brasil, 2000, p. 5). Embora, “saúde e doença, muito longe de constituírem valores opostos, combinar-se-iam de fato em graus diversos em cada indivíduo ou, melhor dizendo, a doença não seria senão uma vicissitude da saúde, ou quem sabe um elemento constitutivo desta” (Moulin, 2009, p. 17).

Canguilhem (2009) nos põe a pensar que há infinitas possibilidades fisiológicas e contextuais no processo da vida, e que pensar uma lógica da existência da saúde e da doença, só foi possível através da naturalização de um discurso normativo que transformou as definições desses conceitos em ideais. O antagonismo entre esses dois termos permite compreender que “nos meios próprios do homem, que este seja, em momentos diferentes, normal ou anormal” (Canguilhem, 2009, p. 162), isso vai variar de acordo com o contexto em que o sujeito estiver. Para o autor, a saúde está além do normal, pois “o normal é viver num meio onde flutuações e novos acontecimentos são possíveis” (Canguilhem, 2009, p. 188), enquanto que o patológico é uma “norma que não tolera nenhum desvio das condições na qual é válida, pois é incapaz de se tornar outra norma” (Canguilhem, 2009, p. 145). Assim, a saúde está relacionada a seguridade ou aquilo que não se impõe nenhum limite, enquanto a doença é incapaz de ser normativa.

Diante dessa breve exposição, o objetivo deste trabalho é analisar as teses e dissertações sobre corpo, saúde, currículo e formação de profissionais da saúde. Para isso, foram mapeadas teses e dissertações no período de 2010 a 2020 por meio de um estudo do tipo de levantamento, que se configura num Estado do Conhecimento. O estado do conhecimento é a “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (Morosini & Fernandes, 2014, p. 155).

DESCREVENDO O CENÁRIO INVESTIGATIVO

No Brasil se percebe uma grande produção acadêmica sobre corpo e saúde, no entanto, quando associadas ao currículo, a formação em saúde e aos processos de subjetivação, essa produção é reduzida, sobretudo, nas regiões norte, nordeste e centro oeste, isso pode estar associado aos incentivos governamentais, bem como ao quantitativo de grupos de estudos, se comparadas, por exemplo, as outras regiões do País.

No que diz respeito à distribuição da produtividade acadêmica por regiões, dos textos aqui apresentados, para as teses, tem-se que 42,8% são produzidas na região Sul; 28,5% na região Nordeste; seguido de 14,2% na região Sudeste e 14,2% na região Centro Oeste. Para as dissertações, a maior produtividade também é concentrada na região Sul com 42,8%; seguida do Sudeste com 35,8%, o Nordeste ocupa a terceira colocação com 21,4%. Com base nessas informações numéricas, pode-se dizer que as regiões Sul e Sudeste são precursoras das pesquisas que envolvem corpo e saúde, associadas ao currículo e a formação dos/as profissionais da saúde, enquanto que a região Norte não apresentou pesquisas nesse seguimento. E, tacitamente a região Nordeste vem ganhando expressividade nos últimos anos.

Para o mapeamento das pesquisas, busquei pelas publicações disponibilizadas na plataforma online no banco de teses e dissertações da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Ao acessar o banco de teses e dissertações da BDTD fiz uso dos termos “corpo”,

“saúde”, no entanto, um vasto leque de produção acadêmica foi encontrado (4462 trabalhos), para refinar as buscas e aproximar-se do objeto em questão, foram acrescentados os termos “currículo” e “formação”, aos já utilizados. Após acrescentados os novos termos, os resultados da produção acadêmica se restringiram a 94 trabalhos, sendo 66 dissertações e 28 teses. No entanto, para este estudo, trouxe um recorte com 21 produções, sendo 7 teses e 14 dissertações.

No tocante às perspectivas teórico-metodológicas nas pesquisas levantadas, em sua maioria, estão direcionados aos pressupostos das pesquisas críticas, mas também há achados na perspectiva pós-crítica. Os dados dessas pesquisas são produzidos através de revisão da literatura, análise de documentos oficiais, observações, entrevistas, grupos focais, discutidos a partir da análise de conteúdo e análise de discurso de inspiração foucaultiana.

COMPONDO O CENÁRIO

As pesquisas dizem respeito sobre a produção de corpos a partir dos discursos biotecnológicos (Paranhos, 2019); formação profissional em saúde (Graff, 2017); outras apontam os currículos dos cursos da saúde depois das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (Regis, 2012; Sayao, 2014; Duarte, 2015; Nascimento, 2015; Costa, 2016; Nakazato, 2018); a atuação dos profissionais da saúde frente ao SUS (Silva, 2015); estratégias de ensino para a formação em saúde (Almeida, 2018); o corpo anatomoclínico (Silva, 2015; Silva, 2019) e práticas educativas em saúde (Silva, 2016; Gastaldi, 2017); experiências e vivências na formação (Dallegrave, 2013; Vasconcelos, 2013); relação entre gênero, raça/cor (Centeno, 2016), feminização dos corpos (Strim, 2011).

A pesquisa realizada por Paranhos (2019) com licenciandos/as em Ciências Biológicas da UFS, na qual a autora tinha por objetivo analisar a produção de corpos pelo discurso biotecnológico no currículo de formação em Ciências Biológicas (CB), a autora concluiu que os/as licenciandos/as “se agarram em discursos que variam entre o científico e o religioso” (p. 91), isso pode ser justificado pela priorização do conhecimento científico tradicional nos currículos, bem como pelas crenças individuais que carregam consigo. Diante desse achado, a autora sentiu a necessidade de analisar as ementas das disciplinas que reúnem saberes sobre os corpos, e aponta que “apenas o saber científico duro, tradicional, moderno, adentra o currículo formal do curso quanto à questão em cena” (p. 59), concomitante as ementas, o conhecimento científico sobre corpo prevalece nos discursos dos/as participantes, sendo justificado “pelas formações discursivas que as/os atravessam” durante a formação (p. 64).

A dissertação de Duarte (2015) com o objetivo de reconstituir o processo de curricularização da enfermagem brasileira, a autora analisou alguns documentos que regem o curso de enfermagem, dentre eles as DCN e os documentos do Conselho Nacional de Enfermagem (COFEN), da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN) e do Conselho Regional de Enfermagem- Alagoas (CROREN-AL). Nas análises, a autora pontua sobre os currículos mínimos da formação em enfermagem e destaca uma revolução curricular para a área após a implantação das DCN.

Para as pesquisas que tiveram como eixo central a formação em cursos de saúde a partir das DCN, em sua maioria, são pautadas em análises que convergem às teorias críticas. Nessas pesquisas, é percebido que a formação profissional em saúde vem se enquadrando às necessidades e demandas do mercado de trabalho e do SUS, os currículos reformulados com a inserção das DCN atendem às premissas de uma formação pautada em competências para atender “e favorecer uma qualificação mais voltada para as necessidades do SUS” (Almeida, 2013, p. 8).

Na dissertação de Nakazato (2018), foi verificado se os currículos do curso de Nutrição da 3ª regional atendem as demandas para o desenvolvimento das competências propostas nas DCN, a autora analisou os PPP e observou que poucos são disponibilizados para a consulta, e dos disponibilizados, estes apresentam estratégias que contemplam as DCN, além da análise

documental, foi realizada entrevista com o coordenador do programa de Nutrição da Universidade Pública de São Paulo (USP), os dados da entrevista convergem para um currículo inovador, construído coletivamente e com o intuito de atender as demandas e competências esperadas na formação do nutricionista para o mundo de trabalho.

Sayão (2014) em sua tese, identificou como a Educação Física vem constituindo o processo formativo a partir das DCN, e como elas influenciam nas transformações contemporâneas das formas de ver, vivenciar, compreender e intervir sobre o corpo. A pesquisa foi desenvolvida nos cursos de Educação Física de três universidades, sendo duas públicas e uma particular, na cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas entrevistas com seis docentes de cada instituição, além da análise dos projetos pedagógicos. O autor em sua análise, mostra os sentidos e significados acerca da formação em Educação Física, e das formas de tratar o corpo, os conflitos, e a existência, ou não de hegemonias discursivas atreladas à formação e a dimensão corpo.

A visão biologicista, marcada por regulações morfofuncionais do corpo humano é uma das hegemonias discursivas que ainda permeiam a formação, uma possibilidade de romper com os conflitos e tal hegemonia discursiva, é pensar o corpo para além da visão biologicista, pensá-lo como um modo de existir do sujeito. Na formação em Educação Física, “a utilização de termos como a ‘corporeidade’ e a observação da tríade ‘sentir, pensar e agir’ [...] aos poucos, vem se apropriando de uma visão de humano mais complexa do que só a focada na dimensão biológica” sobre o corpo (Zoboli, 2009, p. 83-84).

Costa (2016) em sua pesquisa objetivou caracterizar os cursos de Farmácia e o perfil do egresso a partir das DCN, o autor percebeu que a ideia de competência aparece como eixo central e norteador para a formação de farmacêuticos/as, bem como que estas/es profissionais estejam comprometidas/os com a igualdade na saúde e façam a diferença na operação do SUS. Nesse sentido, é notório que a formação “se refere tanto a uma base filosófica que fundamenta a ideia de humanismo, como a um conjunto de conhecimentos que possibilitaria o domínio da argumentação e das práticas” (Meyer & Kruse, 2003, p. 337).

Nascimento (2015) analisou a produção científica referente as DCN na formação em Nutrição, nos anos de 2004 a 2014, percebeu que há pouca publicação e que apesar das DCN terem sido estabelecidas no ano de 2001 ainda não tem a implantação efetiva delas nos cursos, precisando os PPP dos cursos passarem por reformulação para atenderem as necessidades sociais e cuidados de saúde na área de Nutrição.

Corroborando, Uchôa (2018, p. 8), aponta que as DCN ainda são incipientes os avanços para mudanças na formação, sendo este um dos principais problemas para alcançar a resolutividade em saúde, isso devido a formação ainda apresentar “tendências atitudinais que fragilizam as interrelações, revelando características de uma formação ainda fragmentada e biologicista, dificultando assim um trabalho resolutivo em saúde”.

No trabalho de Silva (2015), sobre a produção de saberes sobre corpos, a autora buscou compreender como vêm sendo produzido os saberes sobre o corpo em uma disciplina de Anatomia de um curso de graduação em Medicina, partindo do pressuposto que a disciplina é introdutória nos currículos de formação e que, em sua maioria, são ministradas por professores/as médicos/as, portanto, os/as alunos/as têm os primeiros contatos mais diretamente com o corpo humano e a inúmeros saberes a ele relacionados, sobretudo, numa perspectiva médica. Foram realizadas observações das aulas de Anatomia por um semestre, os achados desta pesquisa, reverberam para saberes anatômicos, nos quais pensam um corpo que deve ser classificado; seguir uma linearidade biológica; a normalidade, mas que pode ser desviante e diagnosticado pelo olhar clínico. Diante disso, a autora conclui que a produção de saberes sobre corpos na disciplina de Anatomia para alunos/as de Medicina não é apenas pautada nas condições anatômicas, e por isso, ela denomina de corpo anatomoclínico.

A tese defendida por Pinheiro (2016) teve como objetivo conhecer as (re)significações psicossociais e educacionais do adoecimento do corpo, obtido durante as experiências dos

estudantes e docentes na clínica fisioterapêutica, espaço designado para a construção das concepções sobre o adoecimento, foi desenvolvido na Universidade Federal do Ceará (UFCE), foram realizadas entrevistas com 8 alunos do curso de Fisioterapia, 8 professores do Departamento e 8 pacientes, totalizando 24 participantes. A pesquisadora analisou o Projeto Político Pedagógico do Curso e ponderou que mesmo tendo caráter inovador, apresenta no seu currículo prescritivo um olhar dicotomizado sobre corpo. Além disso, aponta para a necessidade de reverberar sobre o redimensionamento da matriz curricular dos cursos de fisioterapia com ênfase não apenas para as questões técnicas-científicas, mas também ampliar esforços para que as questões psicossociais e afetivas a ponto que os alunos possam compreender a complexidade do adoecer e o seu enfrentamento e para uma melhoria na qualidade dos cuidados.

Silva (2012) propôs em sua dissertação, analisar os discursos sobre religião e religiosidade no campo da Enfermagem, como as enfermeiras utilizam tais saberes para produzir determinados efeitos na vida dos pacientes. Para a produção dos dados, a autora utilizou artigos publicados em revistas científicas de enfermagem, no período de 1935 a 2010. Quanto aos resultados, a autora destaca as revistas de enfermagem como importantes artefatos da mídia que permitem a circulação dos saberes que investem na produção da identidade da enfermeira, governando-a, ensinando-a e influenciando-a no modo correto de ser e agir. Portanto, através das relações entre saber e poder, as revistas constituem enfermeiras que governam a si e aos seus pacientes.

Quanto as práticas educativas em saúde, Gastaldi (2017) em sua tese, buscou compreender como a educação em saúde é desenvolvida na formação em Enfermagem na Universidade Estadual de Londrina considerando o currículo integral, a pesquisa foi realizada com 23 estudantes em 2 grupos focais e 22 que responderam a um questionário; além disso, 11 professores foram entrevistados. No que diz respeito aos dados, os estudantes apresentam conceitos mais voltados ao modelo tradicional, além disso, apresentaram lacunas em relação à compreensão humana. Para os professores pesquisados, “os desafios estão ligados ao próprio docente e a questões de estruturais e administrativas. Entretanto, elencaram como potencialidades o próprio currículo e o perfil do corpo docente”, e por fim, o autor conclui que “as vivências ancoradas nos princípios da educação popular configuram boas práticas pedagógicas e que a formação para a educação em saúde se faz um processo contínuo de construção do conhecimento e escolhas em meio a um universo complexo e permeado de incertezas” (Gastaldi, 2017, p. 11)

Graff (2017) em sua dissertação, propôs analisar os sentidos atribuídos às práticas clínicas por dentistas. O autor realizou um estudo de caso em unidades de saúde no município de Porto Alegre. Os dados produzidos mostram que o diálogo e o acolhimento vinculados às práticas clínicas são capazes de produzir subjetividades, além disso, os pesquisados apontam o sujeito como um ser de experimentação e interação social, cujas necessidades do corpo vivido vão além das de um corpo físico e que as experiências de trabalho são importantes para esse processo de subjetivação.

Strim (2011) em sua dissertação, analisou os conceitos contemporâneos de saúde, a partir do olhar da molecularização do corpo, da otimização da beleza na revista *Claudia* e quais estratégias são utilizadas para produção de corpos femininos. A autora analisou todos os anúncios, matérias e reportagens de doze exemplares da revista. A autora destaca as práticas de cuidado com o corpo, a saúde e a beleza e aponta a revista como colaboradora na construção dos modos de ser, agir e viver femininos, bem como destaca a potencialização do corpo e as necessidades que os indivíduos têm em molda-lo, mesmo sabendo os riscos aos quais serão expostos, mesmo assim, buscam incansavelmente, por mais saúde e consumo do próprio corpo.

Seguindo as discussões sobre saúde, Centeno (2016) em sua dissertação, problematiza as representações de sujeito produzidas no âmbito da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), com foco nas relações entre gênero, raça/cor e saúde. A autora

analisou os documentos oficiais da PNSIPN, e destaca a concepção de saúde adotada pela política, além disso, situa as estratégias educativas de mobilização sobre a implantação da PNSIPN e como os atores estabelecem disputas de poder para então serem contemplados por tal implementação.

Percebe-se que mesmo imbuído de valores como igualdade, democracia e emancipação, o SUS, é considerado como um regime biopolítico que se inscreve numa pedagogia das condutas dos corpos da população (Foucault, 2008a). Isso é fruto da sabotagem que acontece no SUS regida pelo Estado, por isso, cabe “à sociedade civil lutar pela Reforma Sanitarista Brasileira (RSB) e por um sistema de saúde universal, público, de qualidade e efetivo” (Paim, 2018, p. 1728), mas que não seja aos moldes do Estado, e que de fato a sociedade possa ser ouvida e não controlada pelas reformas governamentais.

Urge o despir dos mitos de que o SUS é democrático, se tomarmos a população negra, por exemplo, esta é discriminada socialmente e racialmente, pois o direito a saúde para esse grupo é diferenciado, bem como classe e etnia estão sempre interligados a essa população. As políticas públicas brasileiras de saúde para grupos minoritários, reforçam “o que se configura numa disputa por recursos nesta área, ao mesmo tempo em que torna mais visível a diferença do ser negro/a –, aquele/a que precisa de uma política especial para garantir certos acessos” (Centeno et al., 2013, p. 158), de igual modo, para pessoas LGBT e povos indígenas.

Diante disso, se faz necessário pensar esse processo biopolítico de concepção de saúde na formação de profissionais, bem como sugerir possibilidades em práticas de cuidado e práticas de gestão em saúde. Tomando a formação dos profissionais em saúde, as DCN estão pautadas nessa biopolítica dos corpos, na qual “formar continuamente profissionais para atender, de modo ágil e resolutivo, demandas e desafios que o cotidiano de trabalho lhes impõe é uma questão central para o campo da saúde.” (Meyer et al., 2013, p. 862). No entanto, “juntos/as, podemos resistir às tecnologias biopolíticas de condução dos corpos, experimentando” práticas pedagógicas que resistam e, sobretudo, “produzir outras práticas de saúde e outras práticas de si” (p. 869).

Ainda neste seguimento sobre o investimento das biopolíticas sobre os corpos e a vida, a dissertação de Pires (2016) problematizou sobre a feminização do HIV/Aids no Rio Grande do Sul, e como essa doença é enfrentada por mulheres grávidas. A autora analisou os documentos oficiais e regionais sobre enfrentamento a HIV/Aids. Após análise faz reverberações de como há investimentos das biopolíticas nas formas de cuidar, enfrentar e de ser mulher em tempos de HIV/Aids.

Quanto aos trabalhos que mostram as trajetórias de grupos minoritários, a tese defendida por Farias (2017), apresenta uma análise sobre a trajetória de mulheres professoras e com deficiência que atuam na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a autora realizou revisão da bibliografia e fez entrevistas com três professoras. Os relatos das trajetórias educacionais das pesquisadas, mostram que mesmo existindo uma precariedade de vida de mulheres com deficiência, esta se dá pela intersecção de estruturas capacitistas e sexistas, no entanto, as pesquisadas relatam que através da educação é possível romper essa discriminação e contribuir para que outras mulheres com deficiência possam integrar os mais diversos espaços sociais.

O cenário educacional é visto e tido como uma esfera social, um local no qual os discursos hegemônicos ainda circulam, sobretudo, quando se refere as questões de gênero, e estes se dispõem a uma lógica binária dos corpos: homem-mulher, branco-preto, deficiente - não deficiente, e aqueles que se afastam do modelo “padrão” é considerado como anormal e tem as suas subjetividades reprimidas, a exemplo, a pessoa com deficiência e a homossexualidade que são postas à margem.

A tese de Vasconcelos (2013) teve como objetivo seguir rastros de construção de corpos inseridos num Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas (CAPS ad) de Aracaju, Sergipe. Os dados dessa pesquisa foram produzidos a partir da análise de cadernos de

formação, composição de diários de campo, entrevistas com usuários e profissionais, grupos focais com usuários e profissionais, rodas de conversa com usuários em uma praça da cidade e a realização de uma oficina “Contando Histórias”. A autora faz reflexões sobre a fabricação de corpos “desregrados” que resistem ao biopoder, além disso, sintetiza para a importância de clínica da experimentação, da (des)aprendizagem e abertura dos corpos para outras rotas e outras formas corporais.

Dallegrave (2013) em sua tese, construiu possibilidades de olhar as Residências em Saúde, através de rodas de conversas e diários de campo, a autora fez uma tecitura sobre as experiências e vivências de residentes em um Hospital público no Rio Grande do Sul. No tocante as análises, a autora percebeu que os programas de Residências em Saúde são baseados em dois analisadores, a governamentalidade proposta por Foucault e os encontros de aprendizagem (signos) proposto por Deleuze. Para a autora a governamentalidade estreia como modos de regular as práticas dos encontros de aprendizagem e o currículo governa através das avaliações, relatórios, controle de atividades e dentre outras normatizações que devem ser seguidos durante o processo de residências médicas.

Essas pesquisas mostram as normas hegemônicas que circunscrevem e reproduzem currículos, de igual modo, reverberam nas/as possibilidades de revertê-las, bem como dar voz e visibilidade aos pesquisados, que por vezes, têm as suas subjetividades interpeladas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao final deste mapeamento, percebi os limites e as possibilidades de estudos nessas dimensões propostas, bem como as pesquisas voltadas para a dimensões corpo e saúde associados ao currículo de formação de profissionais, buscam compreender o corpo além da visão biologicista, embora os discursos científicos sobre tal dimensão ainda sejam marcantes e presentes no processo formativo.

Quanto aos currículos e as premissas gerais designadas nas DCN, é notório a preocupação em formar profissionais de saúde com um “saber generalista”, com habilidades e competências, as vivências e experiências, bem como como demandas importantes à população, as políticas de inclusão social e o SUS. Ainda que com uma forte preponderância de currículo tradicional e com enfoques empiricistas, priorizando alguns conhecimentos em relação a outros.

Observei também, que as relações de gênero, são naturalizadas e há presença de discursos hegemônicos e dicotômicos, que por vezes, normatizam e silenciam as diferenças. Apesar desses discursos aparecerem nas pesquisas, destaco a importância destas, uma vez que são discussões importantes para no âmbito de formação.

E por fim, destaco que não busco por currículos perfeitos e salvadores da educação, muito menos que estejam pautados em oferecer olhares congruentes a realidade, nem tão pouco, dispor de um modelo curricular pós-crítico, mas defendo que os currículos não constituam “uma doutrina geral sobre o que é ‘bom ser’, nem um corpo de princípios imutáveis do que é ‘certo fazer’” (Corazza, 2001a, p. 56), eles “contentam-se com problematizar a cultura em que vivemos e o tipo de subjetivação promovida pela experiência escolar” (Oliveira & Neira, 2019, p. 4). Nessa direção, Gallo (2017, p. 91) aponta que somos subjetivados e “recusar o que somos” é tornar-se livre do discurso formativo neoliberal ao qual estamos assujeitados. Assim, “resistir a biopolítica é investir na vida” (Gallo, 2017, p. 92), então, é tempo de continuar em movimento e de estranhar aquilo que estão nos impondo.

AGRADECIMENTOS: Não aplicável.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Paranhos, M. C. R.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, e revisão crítica de conteúdo intelectual importante; Cardoso, L. R.:

concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, e revisão crítica de conteúdo intelectual importante. As autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE: As autoras declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Almeida, C. M. (2013). Metodologias ativas no ensino de enfermagem: contribuições para a formação do enfermeiro reflexivo. Dissertação (Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde). Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Niterói, RJ, Brasil.
- Breton, D. L. (2006). A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes.
- Breton, D. L. (2013). Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade. Campinas: Papirus.
- Canguilhem, G. (2009). O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Centeno, S. R. (2016). As representações de sujeito na política nacional de saúde integral da população negra (PNSIPN): uma abordagem de gênero e raça/cor. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Centeno, S. R., Meyer, D. E., & Andrade, S. D. (2013). Representações de sujeito negro/a na política nacional de saúde integral da população negra: uma análise cultural. *Revista Textura*, 20(42), 153-175.
- Challoub, S. (1996). Cidade febril: Cortiços e epidemia na corte Imperial. São Paulo: Companhia da Letras.
- Corazza, S. M. (2001). O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes.
- Costa, L. H. (2016). Perfil dos cursos de Farmácia e as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Courtine, J. J. (2009). Introdução. In: Corbin, J. J., Courtine, A., & Vigarello, G. (Orgs.) História do corpo: As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, p. 7-12.
- Courtine, J. J. (2013). Decifrar o corpo: pensar com Foucault. Petrópolis: Vozes.
- Dallegrave, D. (2013). Encontros de Aprendizagem e governamentalidade no trabalho em saúde: As residências no País das Maravilhas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio
- Duarte, A. P. (2015). O processo de curricularização da enfermagem no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil.
- Farias, A. Q. (2017). Trajetórias educacionais de mulheres: uma leitura interseccional da deficiência. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Foucault, M. (2005). Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2008a). Segurança, território, população: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008b). Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2015). História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gallo, S. (2017). Biopolítica e subjetividade: resistência? *Educar em Revista*, 33(66), 77-94.
- Gastaldi, A. B. (2017). Formação do enfermeiro para educação em saúde em um currículo integrado: interfaces com o pensamento complexo. Tese (Doutorado em Educação em Saúde). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.
- Graff, V. A. (2017). Produção do cuidado nas práticas clínicas em saúde bucal: encontros de diálogo, vínculo e subjetividades entre usuários e dentistas na atenção primária à saúde. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Louro, G. L. (2015). Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2018). Pedagogias da sexualidade. In: Louro, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo horizonte: Autêntica Editora, p. 7-34.
- Meyer, D. E., & Kruse, M. H. (2003). Sobre diretrizes curriculares e projetos pedagógicos: um início de reflexão. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 56(4), 335-339.

- Morosini, M. C., & Fernandes, C. M. (2014). Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação por Escrito*, 5(2), 154-164.
- Mouin, A. M. (2009). O corpo diante da medicina. In: Corbin, A., & Courtine-Jacques, V. G. (Org.). *História do corpo: As mutações do olhar*. Petrópolis: Vozes, p. 15-82.
- Nakazato, V. D. (2017). Formação em Nutrição: análise do currículo após a implantação das diretrizes curriculares nacionais. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Nascimento, A. J. (2015). Formação superior em Nutrição: um estudo a partir de publicações nacionais da última década. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Oliveira, G. N., & Neira, M. G. (2019). Contribuições Foucaultianas para o debate curricular da Educação Física. *Educar revista*, 35, e198117.
- Paim, J. S. (2018). Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 1723-1728.
- Paranhos, M. L. (2019). A produção de corpos pelo discurso biotecnológico no currículo de formação em Ciências Biológicas. Dissertação (Mestrado Em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil.
- Pinheiro, F. E. (2016). O corpo em processo de adoecimento e suas (re)significações osicosociais no currículo de Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
- Pires, P. V. (2016). E "fazer tudo direitinho: cuidados e enfrentamentos nas políticas de saúde em resposta HIV/AIDS e mulheres". Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Regis, C. G. (2012). Ensino de Saúde coletiva nos cursos de graduação em enfermagem das universidades públicas da Região Norte do Brasil. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Sayão, M. N. (2014). As diretrizes para a Educação Física no contexto das transformações contemporâneas do corpo. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Silva, F. P. (2012). Do governo da alma ao governo do corpo: a religião nos discursos da enfermagem. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Silva, F. R. (2015). O corpo anatomoclínico/; uma análise dos saberes e práticas em uma disciplina de anatomia da medicina. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Strim, C. (2011). Educando o corpo feminino: saúde como um mais, corpo molecular e otimização da beleza na Revista Claudia. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Uchôa, P. D. (2018). Estágio Integrado em Saúde e aprendizagem interprofissional: percepção dos discentes. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil.
- Vasconcelos, M. D. (2013). A infância de Quincas: (re)existências de corpos em tempos de biopolítica. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Zoboli, F. (2009). Educação Física e cisão corpo/mente: considerações a partir da história da Educação Física brasileira. *Atos de pesquisa em Educação*, 6(2), 72-88.

Recebido: 15 de maio de 2021 | **Aceito:** 28 de maio de 2021 | **Publicado:** 1 de junho de 2021



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.